

Retração não afetou o nível de insolvência em São Paulo

por Pedro Cafardo
de São Paulo

Os indicadores de insolvências não refletem, até agora, qualquer aumento significativo das dificuldades das empresas em saldar seus compromissos. A observação é do economista Marcel Domingos Solimeo, do Instituto de Economia Gastão Vidigal, da Associação Comercial de São Paulo, com base em estatísticas sobre títulos protestados, falências e concordatas no período janeiro a novembro, divulgadas ontem.

De fato, o número de títulos protestados na capital paulista diminuiu 5,1% nos primeiros onze meses do ano, em comparação com igual período de 1980. O valor desses títulos protestados, que atingiu Cr\$ 28,6 bilhões, também aumentou apenas 95,7%, variação inferior à da inflação do período. Os números de falências requeridas e decretadas no estado são também inferiores aos do ano passado. As concordatas, embora o número de requerimentos tenha aumentado um pouco, apresentam um passivo apenas 47% superior ao de 1980.

CREDITO

Esses indicadores parecem contrariar a expectativa natural em um ano de retração econômica do aumento das insolvências. Para Marcel Solimeo, entretanto, as empresas continuam arcando normalmente com seus compromissos, porque, ao contrário do que se diz, houve durante o ano farta disponibilidade de crédito no mercado. Os empréstimos do sistema financeiro ao setor privado aumentaram 100,1% nos últimos doze meses até outubro, segundo informações



Marcel Domingos
Solimeo

do Banco Central. A contenção do crédito, na verdade, ocorre unicamente no Banco do Brasil e nas financeiras, onde as expansões atingem respectivamente 60 e 57%. Nas demais instituições, as variações estão próximas ou superam 100%, alcançando 135% nas caixas econômicas, 134% nas sociedades de crédito imobiliário e nas associações de poupança e empréstimo e 141% no Banco Nacional da Habitação.

Com essa disponibilidade geral de crédito, as empresas não tiveram, durante o ano, maiores dificuldades em liquidar ou transferir seus compromissos, apesar das elevadas taxas de juros. Marcel Solimeo prevê, porém, que a situação poderá modificar-se no próximo ano, caso os níveis reais das taxas de juros permaneçam elevados, pois as empresas não terão condição de repassar em seus preços os altos custos financeiros. Este ano eles teriam sido compensados pela redução dos dispêndios com mão-de-obra.

Entre os vários ramos empresariais, entretanto, o mais atingido por insolvências é o setor comercial, como consequência da queda de vendas, que ficará entre 15 e 20% este ano, segundo previsão do presidente da Associação Comercial de São Paulo, Romeu Trussardi Filho. O aumento do valor dos títulos protestados de empresas comerciais foi de 204% nos primeiros onze meses do ano na capital. Enquanto isso, no setor serviços, a expansão foi de apenas 33,1%.